

GAZETA LITERARIA.

Septembro de 1761.

PORTUGAL.

Apontamentos para a educação de hum menino nobre, que para seu uso particular fazia Martinho de Mendonça de Pina, e de Proença. Porto na Officina de Francisco Mendes Lima, 1761. em 8. de 246. paginas.

----- *Ergo fungar vice cotis accutum
Redere quæ ferrum valet exors ipsa secandæ.*
Horat. ad Pison.

A NATUREZA do homem sendo mais inclinada para a maldade, que para a virtude, ou ao menos tendo nós a infelicidade de nascer sem esta, quando para ella, he que nascemos, como diz Seneca: *nascimur quidem ad hoc, sed sine hoc*, tem a educação muitas vezes o poder de vencer aquelles perversos intentos, que nos inspira a natureza inculta, e de fazer util cidadão aquelle que infelizmente abandonado a ella seria hum nocivo monstro. Logo grandes

des elogios merecem aquelles, que empregão as suas fadigas, e estudos em apontar as regras para nos aperfeiçoarmos, ou digamos antes, para melhorar a natureza humana. Nesta consideração louva-se o trabalho do Autor desta Obra, que já foi impressa em Lisboa em 1734. e por se ter feito rara, appareceu agora reimpressa no Porto.

Como a idade tenra he flexivel, e se dobra para onde a inclinaõ, para esta idade he que se dirigem os documentos propostos nesta Obra. O Autor entra logo a expor os meios, que contribuem para a saude, e vigor do menino, que consistem no uso moderado dos mantimentos vulgares, e dos exercicios laboriosos, e na total prohibiçaõ de tudo o que se pôde chamar regalo. Sobre o uso dos vestidos deve-se consultar com Anatomicos doutos, e naõ se governar cegamente pela moda: nesta materia, que parecerá a alguns de pouca entidade, deve haver grande cuidado; pois o celebre Winslow refere o desestrado fim de hum Regimento, cujos Soldados acabáram miseravelmente, por trazerem as ligas, e as gravatas apertadas por ordem de seu Coronel.

No comer deve haver a frugalidade. Quando vemos naõ sómente a abstinencia dos Anacoretas, mas o ordinario modo de viver dos antigos Egipcios, Persas, Gregos, e Romanos, que ordinariamente ficavaõ em jejum até o pôr do Sol, e se antes comiaõ alguma couza; era como diz Seneca, *panis siccus, & sine mensã prandium*, paíamnos admirando, como tinhaõ forças para os laboriosos exercicios a que eraõ costumados. Das bebidas deve ser preferida a agoa, que além das virtudes Medicinaes attribuidas a ella pelo Dr. Smith, he o mais poderoso cordeal refrigerante, e diluente, que facilita a Circulaçaõ do Sangue, abranda os espiculos acidos, e evacua os saes, que exaltados perturbariaõ a economia da saude. Sobre a escolha dos alimentos há varias opinioens; O nosso Autor quer que os melhores sejaõ os lacticinios, frutas, e hortaliças; pois os homens tem os dentes incisórios semelhantes aos dos animaes, que vivem com estes alimentos, e he este o unico que a natureza offerece em estado capaz de se usar delles, sem as preparaçoens da arte, o que bem mostra se destináram ao uso dos primeiros homens. Ainda que o Autor em muitas partes da sua

Obra

Obra não faça mais, que compendiar, o que diz Lock na educação dos meninos, sobre o uso das frutas se afasta deste famoso Inglez, que só permite as cereijas, grozelhas, morangos, peras, e maçãs. Aqui vemo-nos precisados a contradizer o nosso Autor, que affirma, que Lock fora Medico de profiffaõ. He certo, que elle se applicou á Medicina, e que nella fez grandes progressos, como allegura o douto Sydenhan, mas nunca a exercitou nem foi graduado nella. A faculdade Medica não tem necessidade de augmentar as suas listas, já cheias de nomes respeitaveis, com nomes de Autores eminentes em outras sciencias.

Como a Religiãõ he o primeiro alvo a que se devem dirigir todos os documentos, pede a razaõ que ella seja a primeira couza que se deva inspirar aos meninos. Por este motivo determina justissimamente o nosso Autor, que na mais tenra idade, e antes que saiba fallar, se há de participar ás creanças huma noção clara, e simples de Deos, como de hum Senhor Soberano, que fez, e governa tudo, que nos ama, e nos deu todo o bem, que possuímos, e nos há de dar quanto esperamos; e que assim he razaõ, que o adoremos, que lhe agradeçamos o que temos, e que lhe peçamos, o que nos falta. Hum dos melhores principios da virtude he o vencer o amor proprio, e subordinar o apetite á razaõ; e se dando ás creanças o necessario se lhes negasse o mais que pedem, se costumariaõ a passar sem o superfluo, vencendo os seus desejos, e appetites. A humanidade he huma das virtudes, que mais illustraõ o homem; e para costumar as creanças a ella he preciso não lhes permittir, que se maltratam humas ás outras quando brincaõ, e não deixar-lhes ferir alguns pequenos animaes, que lhes vem á mão; mas sobre tudo deve-se evitar o máu exemplo de alguns pais, que trataõ os creados com hum despotismo, que mais parece tirania, que respeito.

O alvoroço, com que os pais, e mãis ouvem as primeiras mal articuladas palavras de seus filhos, e a diligencia, que fazem as amas, para que as creanças se antecipem a fallar, taõ capazes de lhes causar idéas confusas, e de as costumar a dizer o que não percebem, vicio que conservamos, áinda professando as mais nobres sciencias, e que parece não advertimos, por estarmos familiarizados com elle desde o primeiro uso da lin-

gua. Em dous erros igualmente perniciosos se costuma cahir na educaçãõ dos meninos; no primeiro abandonando todo o cuidado do ensino, e bons costumes nos annos primeiros da Infancia com a supposiçãõ, de que huma creança de dous, ou tres annos naõ he capaz de ser instruido; no segundo anticipando as liçoens de lêr, e escrever, e applicando nessas horas inteiras huma creança de 4. ou 5. annos; quanto este he nocivo á saude, tanto o primeiro he prejudicial ao bons costumes, que melhor saõ inspirados pelos bons exemplos, e conselhos, que pela applicaçãõ.

A submissãõ, obediencia, e respeito, que os filhos devem ter aos Pais, há de começar nos primeiros annos da Infancia, em que naõ há inconveniente algum, que o respeito seja servil, e a obediencia despotica; mas o respeito, e a authoridade, que se deve conservar com os filhos, naõ há de passar a severidade austera, e terrivel. Os castigos servis só haõ de ser praticados em caso de extrema necessidade: se estes, e ainda as reprehensõens saõ frequentes, vem-se a diminuir o terror, que elles devem causar. Os creados, e lacaios saõ o maior impedimento para huma boa creaçãõ; pois pôdem os meninos aprender os termos injuriosos, e pouco honestos, com que semelhante gente se costuma tratar. Para que este mal possa ser impedido, relaxaráõ os pais hum pouco a authoridade austera, com que trataõ os filhos, fazendo com isto que elles gostem mais de tratar com os pais, que com os domesticos; porém o meio mais certo de conseguirem os pais que seus filhos evitem indignas grossarias he tratar aos creados sempre com attençaõ, e bom modo sem aquelle tom imperioso, e reprehensõens injuriosas, em que muitos Escudeiros de aldêa imaginaõ, que consiste a distincãõ da tua qualidade.

He problema em materia de educaçãõ, e ensino, se he melhor crearem-se os filhos em casa de seus pais, ou em Collegios? O nosso Autor dando as razõens, que há por huma, e outra parte, assenta que a creaçãõ do Collegio deve ser preferida; mas na falta de Collegio he mais util chamar Meitre a casa, do que mandar os meninos na primeira idade ás Escolas publicas, onde os exemplos de alguns condiscipulos os pôdem prevenir. Antes de se entrar no modo com que os meninos devem

devem applicar-se, he muito necessario advertir que o estudo das artes, e sciencias não he o principal ponto da educaçãõ; he sim a innocencia dos costumes; e a virtude solida, e verdadeira deve ser não só o principal, mas o unico fim da educaçãõ.

O verdadeiro modo de ensinar aos meninos he fomentar-lhes a natural curiosidade de aprender, e inspirar-lhes amor, e inclinaçãõ ao que se lhes ensina, e a quem os ensina; e parece que o methodo ferino, que se observa vulgarmente, he só proprio a extinguir-lhes a curiosidade, e motivar-lhes hum grande horror aos livros: estes lhes mete na mão ordinariamente hum velho melancolico vestido de luto, que affecta huma auctoridade dispotica, e dura, e os obriga a estar em pé fizudos, e immoveis, em quanto dão liçãõ; e em quanto esta dura, a qualquer inadvertencia, ou esquecimento segue hum castigo aspero, e mais aspero do que se cuida, supposta a constituiçãõ branda, e sensivel da primeira idade.

Grandes costumãõ ser difficuldades de achar sujeito com todos os requisitos de ser bom Mestre. As principaes virtudes que nelle se requerem, são a sciencia, a arte de fazer agradavel aos seus discipulos o que pertende ensinar-lhes, e sobre tudo os bons costumes. Tambem se deve dezejar em hum Mestre a sciencia do conhecimento do mundo, e a arte de tratar os homens, e aquella graça urbana que não se estuda pelos livros, e só se adquire com o trato da gente.

Os meninos sabendo lêr, e escrever aprenderãõ a Geografia, a Historia, e o Braço. O nosso Autor fazendo este livro para a educaçãõ de hum menino nobre quer que destas, e outras sciencias aprendaõ só o que basta para se livrarem de serem inutis, e pezados á sociedade. He justo que elles aprendaõ a riscar, e a debuxar, habilidade que adorna muito, e tem grande uso nas Mathematicas. A lingua Franceza he taõ commua hoje nas Cortes da Europa, que deve ter a precedencia entre as vulgares, e não deve faltar o seu conhecimento a hum menino bem educado: a lingua Castelhana, e Italiana não necessita de muito estudo para se entender; porèm diz o Autor que seria mais justo preferir a estas duas linguas o idioma Inglez pelo grande numero de livros doutos, e profundos, que naquella Ilha se crevem

crevem sempre na Mathematica, Physica experimental, e Historia natural. O Latim não deve ser ignorado, mas deve ser ensinado sem aquelles rigorosos castigos, que alguns Mestres suppoem serem annexos ao estudo desta bella, e necessaria lingua. Com muita razão adverte o Autor, que não merece menor cuidado a Grammatica da lingua Portugueza. Prouvéra a Deos, que neste estudo imitassemos os antigos Gregos, e Romanos, e algumas naçoens modernas, como Franceza a qual tem huma Academia composta dos mais distintos engenhos do seu Paiz destinada só para a perfeição da sua lingua.

Quanto á Rhetorica suppoem o nosso Author, que parece menos necessaria que a Grammatica, e quasi inutilis as suas regras. Parece-nos ser muito decisivo este modo de fallar. He certo, que huma Rethorica, em que se dessem humas escalfas e secas regras sem apontar o bom para se imitar, e o máu para se evitar, seria não só inutil mas nociva. Porém huma Rethorica em que se ensine o modo de conhecer os principios, que tem guiado os grandes Mestres da Eloquencia, e de estudar a natureza, modelo da Arte: huma Rethorica, digo em que se mostrem os caminhos por onde se deve fugir do estilo vicioso, e affectado dos máus Oradores, huma Rhetorica, que nos manifeste aquelles lugares, que a experiencia, e a razão mostráráo ser os mais proprios para commover os affectos, e persuadir os homens, julgamos ser ella não só util, mas necessaria. He verdade que tem havido homens, que sem estudo tem brilhado na Eloquencia; mas estes casos extraordinarios, que se contaõ como maravilhas, devem acaso impedir o estudo da Theoria della? Demostenes deveo a sua Eloquencia não só á natureza, mas tambem aos preceitos dos seus Mestres Iocrates, Plataõ, e Iseo. Cicero o maior dos Oradores Romanos não deixou de ser hum dos mais illustres Rethoricos do seu tempo, como provaõ os seus livros *de Oratore*. Ainda que o nosso Autor diga que a Eloquencia não he tão necessaria hoje como algum dia, não quizeramos que alguém entendendo mal estas palavras viesse a assentar que ella he totalmente inutil nos nossos dias. A energia, a pompa, e a solidez, com que os Bossuets, os Bourdaloues, os Massillons, os Cochins defendêráo a justiça dos seus cõcidadosens, expuzêráo as verdades Evangelicas, immor-

immortalizáráo as acçoens dos Heroes dos nossos Seculos, mostraõ que há occasioens em que a Eloquencia he taõ necessaria, como nos tempos dos Chrystostos, dos Nazianzenos, dos Ambrosios, e dos Ciceros.

Na Physica quer o Autor se dê aos meninos huma noticia dos sistemas mais celebres, como o de Descartes, de Newton, &c. naõ só para entenderem a lingua dos Físicos, e desprezarem a presumpçaõ dos que tem por infalliveis as suas opinioens; mas para tirar a consequencia de que todas as couzas naturaes publicaõ a Sabedoria infinita, e manifestaõ a Grandeza Omnipotente da primeira causa, que he só a verdadeira, certa, e demonstrada. O nosso Autor naõ se esquece de apontar os exercicios necessarios ao corpo. Taes saõ a Arte Gmnastica, e além do Exercicio da Espada, a Dança, a Caça, e ainda Agricultura, occupaçaõ taõ innocente, como honrosa.

O estilo conciso desta Obra, e o grande numero de couzas ditas em poucas palavras pelo Autor, naõ nos permitem dár della noticia mais ampla. Os leitores, que quizerem lêr as bellas sentenças, as racionaveis maximas, e os excellentes documentos espalhados por toda ella, devem recorrer á mesma Obra, que tanto pela pureza das suas frases, como pelo discernimento, critica, e piedade, que nella reinaõ, he huma das boas, que temos na nossa lingua. Dezejáramos só, que nella naõ viessem algumas expreffoens, e metáforas, que a alguns severos Criticos pareceráõ affectadas. Em outras Obras inferiores a esta naõ feriaõ estas affectaçoens taõ reparaveis, como na que acabamos de analizar; pois o estilo agradável, e simples, que nella domina, faz mais sensível tudo o que parece ser fóra do natural. Com tudo estas metáforas affectadas saõ raras na Obra.

Eis aqui hum lugar, que naõ há de agradar aos leitores, que forem inimigos do estilo precioso. „Depois de fructifica-
 „do o entendimento na clara fonte da Geometria, e fortifica-
 „dos os olhos da razaõ com o collyrio da Algebra, já será.....
 „livre de inconvenientes o estudo da Logica.

Rerum Lusitanarum Ephemerides ab Olisiponenſi Terræmotu
ad Jeſuitarum expulſionem, Anonio Figueiredo Maſſanenſi
Scriptore, & teſte.

Iſto he

*Ephemerides dos Suceſſos Portuguezs desde o Terremoto de Liſ-
boa até a expulſão dos Jeſuitas, ſendo Autor, e teſtemunha
Antonio de Figueiredo. Liſboa, na Officina Real de Sil-
va 1761.*

OS Suceſſos, de que os Portuguezes tem ſido teſtemu-
nhas no breve eſpaço de cinco annos ſão taõ extraordi-
narios, e eſpantofos, que a poſteridade os não acredita-
ria, ſe lhes foſſem transmittidos ſó pela tradiçãõ. O Autor deſta
pequena Obra, talvez para que os vindouros tenhaõ a certeza,
e a verdadeira narraçãõ das circumſtancias deſtes ſuceſſos, eſ-
creveu eſta eſpecie de Chronologiã, que principia no memora-
vel dia do primeiro de Novembro de 1755. e continúa não até
a expulſão dos Jeſuitas, como promete no titulo, mas até o
dia terceiro de Setembro de 1760. que he juſtamente hum
anno, depois que os Jeſuitas foraõ declarados proſcriptos da
Patria, e expulſos do Reyno.

Eſta transgreſſão nos dá lugar de ter o goſto de eſperar, que
o Autor continue ainda a Obra ſeguindo a meſma or-
dem: ſe eſte he o ſeu intento, ouzamos advertir-lhe que a ſua
Hiſtoria não perderá nada do ſeu merecimento, ſe os caſos nel-
la expoſtos forem narrados com mais extenſãõ, que os referi-
dos té aqui. He certo que o Autor tem o talento de ſer
concifo no ſeu eſtilo, e de dizer por conſequeſcia muito em
poucas palavras; com tudo a relaçaõ dos grandes, e varios ſuc-
ceſſos, que temos viſto, devia occupar hum volume maior, que
eſte, de que eſtamos fallando, o qual não contém mais, que
48. paginas em 8. grande. O que faz ſer mais intereſſante eſta
hiſtoria he o ver-ſe nella os horriveis eſtragos feitos pela nature-
za, e as funeſtas ruinas, que as paixõens humanas não ſendo
domadas pela razaõ coſtumaõ occaſionar contrastados com o
intre-

intrepido animo de hum Rei benefico, e com a actividade de hum Ministro de cujas accoens há de fallar a mais remota posteridade. A latinidade do Autor parece ser pura; pois bem se percebe o cuidado, que elle tomou de a não manchar com aquelles termos barbaros, que foraõ ignorados no Seculo dourado dos Romanos. Para prova do que dizemos transferimos para aqui o seguinte lugar, que he o principio da Obra.

„ Immanissimus post hominum memoriam terræmotus Oli-
 „ siphonem, cæteraque Extremaduræ, & Algaibiorum maritima
 „ opida ferè omnia evertit. Hunc alii consequuntur, leniores
 „ illi quidè, sed ita crebri, ut post annum quintum trepidet
 „ etiamnum terra, horribili semper mugitu præcedente tre-
 „ morem. Multa millia hominum Olisiphone ruina opprimit. Aliis
 „ verò in locis, marino æstu supra quam credi potest immodi-
 „ co terræmotum secuto, plurimi aquarum vi, & pondere
 „ abrepti pereunt. Siquid verò intactum in Urbe post terræ-
 „ motum remanserat, id maxima ex parte excitatæ eodem die
 „ voraces flammæ corrumpunt. Trepidati Cives tento ia in subur-
 „ banis figunt: his lignæ domunculæ succedunt. Rex cum Con-
 „ iuge, Fratre, & Filiabus, militaria tabernacula annum ferè
 „ habitat, tertio ab Urbe milliatio ad occidentem, ubi Regii
 „ orti sunt, Regiaque suburbana. Tanta autem rerum, & ani-
 „ morum perturbatio erat, tam fœda miserandaque Urbis fa-
 „ cies, ut nisi ad invicti Regis imperia prudentissimi Adminis-
 „ tri auctoritas, & providentia accessisset, actum sanè de Oli-
 „ siphone, actum de Lusitanis rebus omnibus esset.

NOTICIAS LITERARIAS.

FRANCA, A.

OS Senhores Camus, e de Montigny Academicos da Academia Real das Sciencias apresentáraõ a sua Magestade Christianissima em 17. de Mayo deste anno de 1761. a 54. e 55. folhas do excellente mapa geral de França, levantado, e tirado Geometricamente.

A Academia dos jogos Floraes de Tolosa propoem para assumpto do premio, que há de distribuir a 3. de Maio de 1762. quaes são os perigos do espirito de sistema nos governos dos Estados.

A Academia Real das Sciencias de Pariz deu para assumpto do premio, que há de distribuir em 1762. o examinar, *se as plantas se movem em hum meio, cuja resistencia produza hum effeito sensivel sobre o seu movimento?*

A Academia Real das Inscricçoens, e Bellas Letras pouco satisfeita dos differentes papeis, que se lhe tinhaõ mandado para concorrer ao premio, que ella devia distribuir depois de Pascoa de 1760. determinou que o mesmo assumpto feria proposto para o anno de 1762. depois de Pascoa, e que o premio feria dobrado. *Deve se examinar, qual foi a extensaõ da Navegaçaõ, e do Commercio dos Egipcios no Reinado dos Ptolomeos.*

A Academia Real de Cirurgia de Pariz propoem para assumpto do premio, que há de distribuir na Sessão publica depois de Pascoa do anno de 1762. o determinar *o modo de abrir os abcessos conforme o seu tractamento methodico, segundo as differentes partes do corpo.*

Bordeaux. A Academia Real das Bellas Letras, Sciencias, e Artes de Bordeaux distribue todos os annos hum premio de Physica do valor de 300. livras. Propoz para assumpto do premio, que reservou para o anno de 1762. *o examinar, se as operaçoens electricas pôdem ser uteis, ou nocivas nas enfermidades do corpo humano.*

Dijon. A Academia da Cidade Dijon não ficando satisfeita dos differentes papeis, que se lhe dirigiaõ para concorrer ao premio, que ella devia distribuir em 1759. diferiu este premio para o anno de 1762. e propoem o mesmo assumpto, que vem a ser: *o determinar as causas da graxa do vinho, e dár os meios de o livrar della, ou de o restabelecer.*

A Academia Real das Sciencias de Pariz depositaria dos trabalhos, que Mr. de Reaumur tinha começado sobre as Artes, annuncia em fim á Europa, que havia de publicar huma descripçaõ das Artes, e Officios a respeito dos quaes tinha já huma collecçaõ de 275. estampas magnificamente abertas. Convida

vida a Academia a todos os Sabios, e Artistas assim de França, como dos Paizes estrangeiros, que concorraõ para os seus utis intentos, e lhe communicarem as suas memorias, e documentos, promettendo publicallas com os seus proprios nomes, assim como publicou já aquellas, que os Sabios estrangeiros, e Reinicolos, que naõ são membros da sua Sociedade, lhe apresentáraõ a respeito das Sciencias em que ella se occupa.

INGLATERRA.

LONDRES.

A Sociedade dos Protectores das Artes da Cidade de Londres promette hum premio de 30. livras esterlinas áquelle, que dêr o modelo de hum Navio, que corte a agoa com mais velocidade. Estes modelos serãõ movidos por pezos diferentes, que lhes darãõ a velocidade de 3. 5. ou 7. milhas por hora, assim de se poder fazer juizo da maior, ou menor força precisa para vencer a resistencia da agoa.

Dollon, Optico celebre de Londres fez agora hum util descobrimento, o qual há de dár aos Telescopios compridos huma grande ventagem sobre os de Reflexaõ. Achou o modo de fazer as lentes, desórte que naõ he sensível a differente refração dos raios, e pôde por este meio dár huma abertura differente aos tubos, e augmentar á proporção a sua luz. Estes instrumentos são taõ utis para o mar, que logo a marinha Real se serviu delles deixando os de que até ali se servia conhecendo a sua inferioridade.

Mr. Baker leu naõ há muito tempo na Sociedade Real de Londres hum Carta do Sr. Anderon, que contém diversas experiencias sobre o magnetismo do cobre. Huma boceta pequena de cobre, em que poz huma agulha tocada no iman, attrahia esta agulha posta sobre hum eixo, e a fazia declinar 90. grãus. Frabricou tambem agulhas de cobre puro, que pelo toque do iman recebiam a virtude magnetica assim como as agulhas de aço, e tinha os polos taõ distinctos como estas. Todos os pedaços de cobre naõ são proprios para esta experiencia; donde se pôde com tudo concluir, que naõ he muito seguro empregar o cobre nas bocetas das agulhas de marear.

I R L A N D A. D U B L I N.

OS objectos dos premios annuaes distribuidos pela Sociedade de Dublin erigida para promover o Commercio, Manufacturas, e Agricultura saõ os seguintes.

1. A'quelle que tiver mais bom successo na tinctura, em escarlate, ou em outra qualquer cõr proposta. O primeiro premio he para os pannos, e os segundos para as sedas, fio, e algodão.

2. A'quelle que tiver imitado melhor os tapetes da Turquia, ou os pannos de Arraz de Flandres.

3. A'quelle que tiver fabricado melhor, quaesquer mercadorias, conforme as amostras propostas pela sociedade. Só este artigo comprehende 20. premios.

4. Ao mais habil desenhador dos estofos de seda.

5. A'quelle que fizer a porcelana, ou a louça mais perfeita.

6. A'quelle que fabricar o melhor papel ao uso de Hollanda.

7. A'quelle que achar as melhores, e mais duraveis cõres para a pintura, ou para a tintura.

8. Aos inventores das novas maquinas, ou instrumentos feitos para a commodidade, e perfeição da Agricultura, e das Manufacturas.

9. Aos Mestres, ou Mestras de cuja casa sahir o discipulo mais habil em cada profissaõ?

10. A'quelle, ou áquella que ajuntar cada anno mais pannos velhos, ou trapos; e isto para promover a manufactura do papel.

11. A'quelle que tiver feito mais pêz, ou alcatraõ.

12. A'quelle que tiver aberto, ou cultivado mais geiças de terra inculta.

13. A'quelle que tiver plantado, e cultivado maior numero de arvores de fruta.

14. A'quelle que tiver secado, e cultivado maior extensaõ de terras alagadiças, ou pantanos.

15. A'quelle que tiver recolhido a melhor herva chamada lupula,

Há

Há tres premios para cada objecto; de sorte que os dous que tem o *accessit*, serão recompensados proporcionalmente. Não he possível dizer a que ponto de perfeição tem a emulação, e o interesse levado em poucos annos as manufacturas, e as Artes em Irlanda. São só os particulares, que por subscrições voluntarias fazem o fundo destes premios; e entre elles se achão muitos, que subcrevem até 100. moedas de ouro por anno pela sua quota parte; e muitas vezes fazem avanços aos artifices indigentes para os pôr em estado de poder merecer estes premios.

Alemanha.

O Numero infinito de dissertações Academicas, que se publicão em Alemanha, que comprehendem assumptos singulares, e que em nenhuma parte se achão tratadas com tanta extensão, moveu os Autores do novo Diario de Berne a formar huma grande collecção dellas. Muitos membros desta Sociedade literaria tem já 400. volumes em quarto destas dissertações. Deste grande numero se escolherá o melhor que se achar não só nas de Alemanha, mas nas do resto da Europa. E para que a Obra seja mais uniforme se traduziráo em Latim as que se acharem em outra qualquer lingua. Serão as dissertações divididas por classes; e para fazer a collecção mais completa, tem publicado huma carta circular, em que convidaõ todos os Sabios da Europa, que tem theses sobre materias singulares, que lhes communicem os titulos dellas.

Prussia.

Berlin. A Academia de Berlin tem proposto para assumpto do premio, que há de distribuir em 1762. a explicação do ouvido relativamente ao modo com que a percepção do som he produzida em virtude da estrutura interior da orelha. Dezeja a Academia, que esta explicação seja principalmente analogo áquella, que se dá da visão na Optica.

Italia.

D Ezejava o publico, que o Conde Mazuchelli fizesse gravar no seu Dicionario Historico as effigies dos Escriptores celebres cuja medalhas conserva o Conde no seu Gabinete, e cujo cathalogo se vê na collecção de Calogera. Com effeito
determi-

determinou-se o erudito Conde a publicalas, e comprehenderão 200. estampas, e quasi 1000. medalhas só dos Autores Italianos; não metendo na conta as medalhas dos Papas, que já foram publicadas á parte. O Abbade Pedro Antonio Gaétani conhecido por outros lugares se encarregou de ajuntar-lhe huma breve noticia Latina de cada medalha em fórma de explicação. A Obra se há de distribuir na Cidade de Veneza em casa de Antonio Lalta, e terá por titulo

Numismata virorum doctriinã præstantium que in museo Comitibus Jo. Marie Mazuchelli Brixie adservantur, ab Abbate Petro Antonio, de Comitibus Cajetanis, edita, & illustrata.

Altura das Montanhas dos Alpes tomada com o barometro.

Mr. Needham membro da Sociedade Real de Londres, que no anno de 1754. tomou a medida da altura das principaes Montanhas dos Alpes com o barometro, publicou agora esta medida, e promete dár-nos em breve tempo a dos Apenninos: por este meio veremos quanto até aqui nos enganavamos nas conjecturas, que faziamos sobre a sua altura.

	Altura do barometro por linhas.	Altura das Montanhas por toesas, ou braças Francezas.
Nivel do mar	336.	0000.
Em Turin	328.	101.
Em Ivrea	320.	204.
Em Aosta	312.	311.
Em Ammeville	308.	365.
Em S. Remy	276.	825.
No Convento do gran- de S. Bernardo	250.	1241.
Em Bochereau	248.	1274.
No monte Serain	174. e meia.	1282. e meia.
Em Cormaggiore	289.	625.
Na meia Costa do Valle Branco	279.	780.
No cume do Valle Bran-		

Septembro de 1761.

209

co ao pé da Cruz	249. e meia.	1249. e meia.
Em Glaciere	270. e meia.	910.
No burgo de S. Mauricio	291.	603.
Nas Minas de Pefey	291.	1044.
No monte Tourné	225.	1683.
No Hospital do monte Senis	314.	284.
No cume do monte Senis	303.	434.

A estas medidas se pôdem ajuntar as que tomáráo os Academicos das Sciencias de Pariz, que foraõ mandados á America para medir hum gráu do Meridiano debaixo do Equador.

Altura das maiores Motanhas da Provincia do Quito no Perú.

Quito capital da Provincia	Elevaçãõ a cima do mar
	1407. Toefas.
Cota Carche ao Norte de Quito.	2570.
Cayambo Oreu debaixo do Equador para o Este de Quito.	3030.
Pitchincha, volcaõ.	2430.
Artifana, volcaõ.	3020.
E Coraçõ a maior altura a que se pôde subir.	2470.
Sinchulagoa, volcaõ.	2570.
Illinica pertendido volcaõ.	2717.
Coto-Pazi, volcaõ.	1650.
Cargavi-Caso, volcaõ.	3450.
Tonguragoa, volcaõ.	2620.
E Alrau huma das Montanhas chamadas Coillanes.	2730.
Sangai volcaõ.	2680.

Eis aqui o modo de observar com o barometro, e tirar delle as consequencias por huma regra simplicissima.

Deve se buscar na tabella ordinaria dos logarithmos alturas do mercurio no barometro exprimido por linhas, e se diminue, ou se substrahe huma trigesima parte da differença destes logarithmos tomando com o caracteristico as quatro primeiras cifras que o seguem. Teremos logo em toefas, ou braças Francezias de nove palmos as alturas relativas dos lugares. Vejamos hum exemplo.

Q

O mercurio se sustentava no barometro em Carabulú, que he o lugar mais baixo de todos aquelles, em que os Academicos tomáráo a medida em 21. polegadas 2. linhas e 3. quartos, ou em 254. e 3. quartos, e no alto da Montanha Pitchincha tinha o mercurio chegado a 15. polegadas, 11. linhas, ou 391. linhas: a differença dos logarithmos destes dous numeros se achará ser de 1250. e diminuindo, ou subtrahindo a trigésima parte, restará 209. toesas pela altura de Pitchincha abaixo de Carabulú; o que concorda com a determinação geometrica. Veja-se a figura da terra de Mr. Bouguer.

Esta regra se funda neste principio; que as condensações actuaes em cada parte são proporcionadas aos pezos das columnas superiores, que causão a compressão; estas condensações, ou densidades se mudaõ em progressão geometrica, ainda que a altura dos lugares seja em progressão aritmetica.

S U I S S A.

HA pouco tempo se descobriu huma mina de cristal de roca na Suissa, de que se tirááo pedaços de huma grossura tão extraordinaria, que hum delles he de 10. ou 11. palmos de circumferencia sobre 19. de altura, e peza mais de doze quintaes. Esta massa de cristal he sem comparação a maior que já mais se tem visto na Suissa. A este respeito se póde ver o livro da estrutura interior da terra por Elias Bertrand.

F I M.